

Jean Laplanche

O sexual, suas mensagens e traduções

Em Agosto de 1993, realizou-se o evento "Jean Laplanche em São Paulo", a convite do Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae. Nesta entrevista com o psicanalista francês, da qual se conservou o aspecto coloquial, participaram psicanalistas familiarizados com a obra do autor, possibilitando assim um "fazer trabalhar" do seu pensamento.

Percurso - Vamos começar com uma questão geral: existe no momento um panorama psicanalítico francês, uma certa geografia conceitual. Em que lugar deste mapa geográfico o Sr. se encontra?

Laplanche - Tenho dificuldades em me situar neste panorama intelectual. Creio que ocupo nele um lugar à parte. Uma das minhas referências é a descen-

dência de Lacan, uma estimulação lacaniana inicial, com a crítica correspondente, entretanto. Mas uma vez isto posto, não vejo diretamente em que corrente francesa eu possa me situar, apesar de ter um modo muito francês de pensar. Não me vejo em um lugar onde eu possa estar ligado a um certo grupo. Entretanto, podemos tentar definir as modalidades da psicanálise francesa. Penso que o aprofundamento do freudismo é uma das modalidades dessa psicanálise. Este exerce agora uma influência mundial, de forma que nós não somos os únicos a aprofundar Freud, longe disto, mas penso que o impulso a aprofundá-lo

Realização: Abrão Slavutzky, Daniel Delouya, Renata Cromberg e Renato Mezan. Tradução e edição: Anna Maria Annard, Daniel Delouya e Renato Mezan.

partiu da França. De início houve o famoso retorno a Freud, mas a partir de Bonneval¹ este se transformou rapidamente num retorno crítico sobre Freud, com uma diferença em relação à ótica lacaniana, que era mais uma anexação de Freud às suas próprias leituras. E quando falamos de leituras, sou bastante contra elas; Lacan fez uma leitura lacaniana de Freud. Atualmente há vários trabalhos críticos sobre Freud.

Outro elemento importante creio que seja a ênfase que a

maneira de fazê-lo. Ao contrário, eu gosto de provocar pela forma um pouco quadrada de meus trabalhos; tenho um estilo próprio que não abandono. Ele não é absolutamente parisiense. Deste ponto de vista, não sou francês! Talvez nem parisiense, quem sabe, talvez seja porque sou da Borgonha. Por outro lado, quanto às pessoas do atual panorama francês das quais sinto-me mais próximo, os nomes que me vêm à mente são, de um lado, Stein e, de outro, Leclair. Penso que são duas pessoas - também descendentes de Lacan - com os quais tenho mais afinidades, e com quem teria mais facilidades de encontrar pontes em termos de pensamento.

Percorso - O Sr. tem uma posição bastante crítica em relação ao lacanismo, que considera nefasto e perigoso para a psicanálise. Ao mesmo tempo, parece ter um contato direto com a inspiração lacaniana - por exemplo as críticas ao biologismo, à psicologia do ego e ao instintivismo. O Sr. faz uma volta na espiral e encontra o originário na introdução da sexualidade pelo outro, este ponto de vista vem ao encontro do que Lacan afirma ser a trans-subjetividade. Talvez o que o Sr. faça seja tirar da estrutura o caráter metafísico, e aproximá-la das sensações pelas quais a mãe introduz mensagens no corpo e no psiquismo da criança.

Laplanche - Sim, você o disse bem. Seria interessante retomar essas coisas. Quais são os aportes de Lacan? Houve este trabalho sobre Freud e este estímulo para trabalhar Freud, mesmo se, como disse há pouco, este trabalho foi mais longe do que o trabalho de anexação. Mas certamente há insistência no fato de que o inconsciente não é biológico. Ainda recentemente me lembraram que foi Lacan quem nos estimulou

neste ponto e insistiu no conceito de pulsão, ainda que o lado positivo da sua doutrina seja criticável. Quanto à reflexão sobre a linguagem - embora aí também minha reflexão vá num sentido muito diferente da de Lacan, da sua ênfase por exemplo na noção de significante - é evidentemente uma contribuição.

Minha crítica sobre a linguagem é muito clara: de um lado, Lacan insiste, como você disse, sobre o lado estruturado e estruturalista da linguagem, enquanto eu insisto sobre o fato do inconsciente ser desestruturado. Você falou antes sobre o interindividual: creio que Lacan, como a maior parte dos analistas, não prestou atenção à teoria da sedução em Freud, ele não a conhecia. Não conhecia também a noção do despertar (*éveil*)². Vários pontos eram para ele desconhecidos. Se prestarmos atenção à teoria da sedução, é necessário ir mais além da intersubjetividade tal como é pensada habitualmente.

Quanto à distinção que faço entre o ptolemismo e o copernicismo, não podemos dizer que Lacan é ptolomaico, mas também não podemos dizer que seja copernicano. Sua teoria vai no sentido da dissolução da relação na linguagem. Para mim, há algo de muito nefasto numa psicanálise que concebe um inconsciente que não seja individual. Creio que, a partir do momento em que pensamos um inconsciente que não seja individual, isto é, que seja algo trans-individual, como disse Lacan, a prática psicanalítica se perde, deixa de existir. Os desvios que denunciemos, os tipos de sessões, etc. encontram aqui suas razões teóricas. Quero dizer com isso que a escuta do indivíduo perde em importância a partir do momento em que tudo é manejado e depositado na linguagem - porque é evidente que teremos o poder de efetuar o corte em qualquer lugar

“ Como a maioria dos analistas, Lacan não prestou atenção à teoria da sedução em Freud. ”

psicanálise coloca sobre um aspecto do freudismo, que é o sexual. Penso que este seja um dos aspectos mais importantes da psicanálise francesa; não se pode esquecer que o inconsciente é sexual e que a psicanálise trata do sexual. Dito isto, existem certamente defeitos bem franceses, dos quais não me parece que faço parte. Falo de um certo modo um pouco literário de tratar temas psicanalíticos, o que não é de modo algum, como vocês sabem, minha

ou momento, já que qualquer coisa na linguagem se presta a tal corte. Esta tendência não existe somente em Lacan. Na conversa que tive com Haroldo de Campos, encontrei o mesmo pressuposto de que a tradução deve ir além do indivíduo. Não nego que na poesia esse seja o caso, mas quando é a tradução de Freud que está em questão, ou quando se trata de um paciente (estou pensando sobre o ato da injeção dada a Irma, e para mim este é o sonho da Irma), analisar este ato em termos de estrutura trans-individual me parece ser o contrário do que propõe a psicanálise.

Percorso - Quando pensamos na situação analítica, a teoria da sedução faz sentido. Mas pensar que o fundamento do sujeito está na outra pessoa, quanto a isso há problemas tanto teóricos quanto filosóficos.

Laplanche - Posso me explicar um pouco mais sobre isto. Não falo tanto de sujeito; digo frequentemente Ego, para não especificar a pessoa sobre a qual falamos (se é Pierre que está em análise ou é Jean). Quero dizer que, para mim, a origem que vem do outro é a da pessoa sexual. Pois mantenho a idéia de que o outro proporciona a sexualidade. A idéia da biologia é de uma relação psico-biológica, de base, autoconservadora. Para mim, o sexual freudiano é o sexual ligado à fantasia- bem, é aí que coloco a prioridade, neste primeiro movimento da *implantação da mensagem*. Este é o *enigmático enquanto comprometido pelo sexual*. Mas insisto também sobre o fato de que existe um movimento segundo, que é o da tradução, porque, se ficarmos apenas com a implantação, voltaremos de certa maneira a Lacan. Isto acontece em certo momento na descendência de Lacan - Maud Mannoni, por exemplo, levou isto ao extremo, em certo momento de sua obra, di-

zendo que o inconsciente da criança são os pais. Não é isto! Para mim, o aspecto tradutivo é essencial...

Percorso - O Sr. disse que não há um referencial interpretativo primeiro, pelo qual é feita a tradução das mensagens. Isto me parece problemático: se retomamos uma metáfora recorrente empregada pelo Sr., a do ser extra-terrestre, devemos supor, invertendo-se o foco, que ele seja um ser inteligente, que nele existam estruturas, processos e funções gerais e específicas para

“ O enigmático está comprometido pelo sexual - esta é uma verdade da Psicanálise. ”

que entenda nosso mundo, aprenda a falar etc. Da mesma forma, me pergunto se não preexistem na criança processos gerais e específicos de decodificação das mensagens, de forma que algumas sejam a traduzir e outras não. Nesse caso, ela já estaria de posse de algo que a faz um receptáculo para as mensagens inconscientes e sexuais do adulto... Resumindo, não existiria na criança, de antemão, um referencial interpretativo?

Laplanche - Existe uma faixa intersubjetiva no nível autoconservativo. Quero dizer: há uma linguagem comum de autoconservação que permite, pelo menos, uma compreensão mínima inter-relacional entre o adulto e a criança, e que é fundamentada pela biologia. Na mensagem existe algo acessível, mas a sua importância está no fato que ela é ao mesmo tempo estrangeira, isto é, que nela não há só o aspecto autoconservativo. Por exemplo, na história da fantasia de fustigação (“Bate-se numa criança”), expliquei, seguindo Freud, que a tradução da criança (“ele ama só a mim”) situa-se no plano inter-relacional da autoconservação. Para mim, o amor em questão aqui é traduzido não sexualmente, mas para a linguagem da ternura no sentido de Ferenczi. Portanto “ele ama só a mim” permite uma tradução sem que haja um aspecto sexual a traduzir. Mas penso que a maioria das mensagens - sobretudo com a criança pequena - tem um conteúdo sexual. A criança traduz, de início, com o mínimo de linguagem comum que lhe é fornecido pelas montagens autoconservativas, mas muito rapidamente ela vai traduzir também com as categorias implícitas que lhe são transmitidas, como por exemplo, a categoria da relação edípica triangular. Quero dizer que a linguagem dos adultos comporta estruturas complexas que serão propostas igualmente pelo adulto como linguagem de tradução.

Percorso - O Sr. tem um exemplo em mente, mesmo que seja geral?

Laplanche - A relação de escolha entre o pai e a mãe, “quem você ama mais?”, etc. O Édipo é rapidamente proposto pelo adulto, de forma a colocar ordem em mensagens que são certamente menos claras do que esta, mais diretamente intrusivas.

Em outros termos, a partir de mensagens intrusivas e sexuais, há uma ordem proposta: a filha pequena vai amar mais o pai, e assim, a linguagem da rivalidade e a linguagem triangular (linguagem no sentido de estrutura) serão rapidamente propostas, para por em ordem algo que está prestes a escapar.

Percorso - Então, o Sr. recua em um grau: podemos dizer que o adulto fornece não apenas o conteúdo, mas a gramática também.

Laplanche - Sim, mas a gramática neste caso é trazida pelo mundo cultural, e não somente pelo adulto sedutor. Recusamos por muito tempo o termo *culturalismo*, e penso que, de fato, devemos tratá-lo com cautela. Mas penso que o fato da cultura trazer estruturas - sobretudo estruturas de parentesco, que não são redutíveis ao Édipo, no sentido restrito do termo - foi recusado pelos psicanalistas em nome de uma generalização do Édipo, tornando-o abusivo e biológico.

Percorso - O senhor não acredita que existam princípios organizadores gerais e específicos de tradução na criança, comparáveis analogicamente àqueles com os quais se aprende a falar?

Laplanche - Isto é Chomsky. Se olharmos a biologia, seremos levados a pensar que em algum lugar existe nela, certamente, uma linguagem binária. Mas penso que o que vai cristalizar a estrutura binária é a castração: a *ameaça* de castração e a *teoria* da castração, que vem justamente simbolizar a diferença dos gêneros. A diferença dos gêneros não é binária, no começo. Ela é proposta pelas *diferenças* de molde biológico e cultural: você tem um terno, você tem um vestido, você tem cabelos deste tipo etc. Há diferença de gêneros, mas ela não é binária; pode ser trinária. É uma diversidade. Não se pode dizer que o

terno é o negativo do vestido; não se pode afirmar que o terno é *o menos* do vestido ou que o vestido é *o menos* do terno. Portanto, a diferença dos sexos proposta pela teoria de Hans e Sigmund - a teoria da castração, segundo a qual a diferença entre vocês não reside no fato que você tenha um terno, a outra um vestido, um terceiro tem uma blusa e quarto tenha blue-jeans - tudo isto é a diversidade. Nesta diversidade, é introduzida uma ordem que é, de fato, lógica, e que está, do meu ponto de vista, cristalizada pela teoria da castração. Neste instante não diremos mais vestido e terno, mas vestido e não-vestido, para não dizer pênis e não-pênis.

Percorso - Num artigo recente, pareceu-me, o Sr. afirma que o processo de recalçamento, de tradução, vem do outro.

Laplanche - Não, o processo de tradução *não* vem do outro. É a impulsão a traduzir que é trazida pelo outro, é o enigma que suscita a tradução pelo lado intrusivo que tem. Mas é a pessoa, o ego que faz a tradução. Insisto sobre o aspecto metabolizador, que é uma deformação, uma transformação. É por causa desta transformação que ocorre o recalque. Sem isto não teríamos o recalçamento, teríamos uma passagem do sexual de um ao outro. A *mensagem* vem do outro. O mundo cultural fornece a língua de tradução.

Percorso - Sim, mas existem as mediações, já que vivemos numa certa época, num certo lugar, dentro de uma classe social etc. Podemos então dizer que, pelas variações macroscópicas e sociais, deve-se supor uma variação correspondente do conteúdo e das formas do inconsciente?

Laplanche - Não, não se trata aqui do lado culturalista. Disse outro dia que, se admitimos o tipo de pensamento que proponho, uma das etapas é estabelecer uma tipologia das mensagens. Esta ti-

pologia é, a meu ver, parcialmente quantitativa, mas também qualitativa. Isto quer dizer que, quando uma mensagem é proposta com uma tradução totalmente pronta, diremos que nesse caso se trata de uma mensagem que não pode ser traduzida. Essas mensagens dão nascimento ao superego. Elas se propõem como não-tradutíveis, seus significados são dados. Elas são muito compactas para serem outra coisa; são apenas intromissão.

Percorso - A idéia de *double-bind* lhe diz alguma coisa?

Laplanche - Posso me lembrar de um exemplo de *double-bind* que me veio à cabeça quando pensei na situação analítica e na teoria do sedutor. Mas penso que o fundamento do superego está na cultura, quando a criança se encontra com o pai e o problema tanto teórico quanto teórico.

“Os psicanalistas generalizaram o Édipo e o tornaram abusivo, biológico.”

Laplanche - Sim, penso que esta idéia vem naturalmente introduzir-se aqui, e isto é muito interessante. Nunca trabalhei esta idéia, que parece ser um campo aberto. E é evidente também que do outro lado, do lado das línguas de tradução, há todo um trabalho por fazer: em que medida a criança as tem à sua disposição, e em que medida ela não as tem? Talvez aqui também haja algo da ordem da eventualidade, de disposições

psicopatológicas que são *a traduzir*. Talvez tenhamos algo a procurar, já que há não-tradução, ou modalidades da tradução, ou falha mesmo da tradução (há sempre falha na tradução!). Estas modalidades me parecem necessitar uma dupla descrição: por um lado, da tipologia das mensagens, e por outro das capacidades de tradução e das línguas de tradução que estão sendo propostas.

Aqui, gostaria de abrir um parêntese. Este tipo de encontro é muito fecundo para mim, por-

“ A precocidade da realidade sexual permite a inversão: estar-sendo-comido e não apenas comer. ”

que me suscita outras idéias, me leva a novos desenvolvimentos, e propicia temas para novos artigos. Por exemplo, veio-me à mente, depois da discussão que tive com Haroldo de Campos, que eu não podia ser, ao mesmo tempo, tradutor de Freud e defender uma teoria da tradução do recalçado, sem tentar estabelecer a ligação entre os dois. Penso que, em pouco tempo, precisarei tentar estabelecer uma relação entre a tradu-

ção restrita, no sentido de tradução do grego, de Freud, de poesia, de obra literária, etc. - entre esta tradução restrita, inter-línguas, e a tradução generalizada, que é a do inconsciente.

Percorso - Sim, porque há forçosamente um recalçado na *sua* tradução. Mas isso seria saltar sobre sua própria sombra, porque se trataria de tentar determinar, se entendo bem, qual será o recalçado *desta* tradução.

Laplanche - A primeira idéia que surgiu é aquela metáfora do autor que habita a linguagem ao habitar apenas certas “salas” dela. Aqui o termo recalque significa que há exclusão de uma série de significados: o tradutor escolhe um sentido entre vários possíveis. Freud estabelece uma terminologia e diz: utilizo o recalçamento neste sentido e não em outro. Ele mesmo efetua este “recalque”; o próprio autor já começa a recalcar na sua linguagem para criar uma obra de pensamento. Os recalques do tradutor devem estar calçados sobre os do traduzido, e não devem ocorrer outros recalques para desfazer os recalques do traduzido. Se desfizermos os recalques do traduzido mudaremos completamente a obra de pensamento. Mudaríamos completamente a escolha de pensamento, escolha esta que constitui a própria obra, diferentemente da poesia, que tenta não escolher, mas habitar ao máximo a linguagem.

Percorso - Não sou kleiniana, mas penso que a mensagem enigmática não parece poder ser superposta à sua noção de objeto-fonte, que é para mim um conceito muito rico. Tive uma paciente muito melancólica, e quero falar sobre um fragmento de um sonho dela onde aparece um elemento que creio ser um objeto-fonte da pulsão de morte, e que me permitiu acompanhar a finalização da sua análise. Neste frag-

mento de sonho há uma madre superiora que levanta sua veste de freira, deixando aparecer um seio com uma boca de pato, com um bico. Este era para mim o objeto-índice da pulsão de morte que permitiu o trabalho. Pensei então no seu texto sobre o objeto-fonte da pulsão, e ele me ajudou a esclarecer que este é o objeto-fonte, não a mensagem. Na análise, apareceu de fato a mensagem de uma mãe suicida, mas, quanto a esta representação à qual chegou a paciente, ela não me parece ser uma fantasia, e sim o próprio índice de um objeto polarizante, terrível, o que lhe permitiu o acesso à sua pulsão de morte. É isto que é terrível para uma criança: ao invés de leite, encontrar um buraco.

Laplanche - Estou plenamente de acordo, e penso que a precocidade da realidade sexual, diferente da realidade alimentar, é que permite esta inversão, isto é, estar sendo comido e não apenas comer. O seio torna-se então devorante, um devorador possível. Eu não diria que se trata de um objeto-fonte final.

Percorso - Um objeto-fonte é a mesma coisa que a mensagem? Creio que Laplanche produziu um deslocamento da noção de objeto de Melanie Klein, para criar outra noção de objeto.

Laplanche - Sim, você tem razão. É o objeto estrangeiro, propriamente dito. Quero dizer que o que resta deste objeto-fonte; é uma quintessência da estrangeiridade. Ele permanece no inconsciente, mesmo que seja no *meu* inconsciente, mas profundamente estrangeiro.

Percorso - Este não é somente a fantasia, não apenas a mensagem?

Laplanche - Com certeza, é muito importante dizê-lo, porque se costuma cometer um tipo de laplanchismo um pouco banal: dizem que o significante enigmático

é o inconsciente, mas não é isto que eu digo. Para mim, o objeto-fonte não é de maneira alguma a mensagem. São os resíduos pontuais, é o resto.

Percurso - Se eu entendo bem sua posição, o que nos foi relatado é uma fantasia: há uma mãe que abre a roupa e vê-se um seio com um bico de pato. Há uma mãe suicida, que convida as filhas a deixar os homens e se suicidar. Primeiramente, esta representação: "uma mãe que tem um seio com um bico de pato". Em qual categoria o Sr. poria o "seio com bico de pato"?

Laplanche - Diria que este seio com bico de pato é algo bastante próximo de um significante dessignificado do inconsciente, mas o trabalho analítico não pode parar aí. O trabalho não pode ser a adoração do objeto-fonte, é necessário tentar ressitualo, em seguida, dentro da mensagem materna e por aí mesmo permitir, talvez, a integração dentro de um processo de tradução, que deixará um resíduo menos mortífero do que o que está aí.

Percurso - Será que poderíamos imaginar, mesmo de maneira bastante formal, um processo que teria levado a que este resto ficasse à disposição? Isto é, quais seriam as condições de possibilidade da dessignificação? Ou melhor, seria possível imaginar um tipo de processo capaz de deixar um resto a partir do qual um certo número de fantasias poderiam se organizar?

Laplanche - Bem, podemos desde logo imaginar que esta é uma tentativa de tradução de ameaças de suicídio. Quero dizer, as mensagens propriamente enigmáticas estavam nessa atitude de ameaça de suicídio que, aparentemente clara, era um fato sexual. Há um aspecto sexual na própria ameaça de suicídio, na excitação que ela queria provocar. Com efeito, o que pode existir de mais

mensagem e de mais interpessoal do que uma ameaça do suicídio, apesar do caráter, diríamos, narcísico do suicídio? Penso, portanto, que exista algo na tradução, na maneira como o sujeito lidou com esta ameaça. Certamente não foi possível traduzi-la completamente, e isto é evidente.

Percurso - Para a paciente, isto foi o limite da transmutação de uma pulsão matricida que permitiu atenuar um superego massacrante. Outra coisa a se perguntar seria: esse trabalho de metabolização das men-

“A nova tradução, que é uma tradução de existência, incumbe ao paciente.”

sagensatingeumcertolimito, que é também o do analista. Temos um limite de tradução posto para os dois lados, se eu bem compreendi.

Laplanche - Aí você nos leva para a questão do analista, o que não é a mesma coisa.

Percurso - Talvez possamos aí encontrar um terreno comum.

Laplanche - Não concordo. Se o analista se contentasse em enviar, ele também, mensagens enigmáticas, é evidente que

nada haveria a refazer, pois já é muito tarde para enviá-las, para metabolizá-las.

Percurso - Sim, eu queria chegar aí. Se continuamos mais um pouco sobre este exemplo preciso, o que seria, do seu ponto de vista, uma interpretação desta situação? Que forma ela tomaria? Não se trata do que o Sr. diria à paciente, é claro, mas aqui estou pensando no que se passa no analista.

Laplanche - Uma interpretação deveria tentar, justamente, reintegrar este índice, este objeto-fonte, reintegrá-lo no seio da mensagem. Isto é, ver como ele se situava nesta ameaça de suicídio. A interpretação não pode ser mais do que isto. A nova tradução possível, do meu ponto de vista, eu a deixo ao paciente. A nova tradução se faz quase espontaneamente, a partir do momento em que reintegramos alguma coisa na mensagem, alguma coisa não-traduzida; mostramos como ela pode se inserir na mensagem. A partir daí, há um trabalho pré-consciente do paciente, diríamos. Penso que não devemos propor, nesse momento, uma nova tradução. Nós tentamos reconstruir a mensagem mais completa, menos recalcante, mas a nova tradução possível cabe ao paciente. E essa tradução nova é - não num sentido muito metafórico - uma tradução de existência.

Percurso - Mas o Sr. não acredita que, quando temos acesso a uma representação última, estaremos finalizando o trabalho? Para a etapa final do trabalho, isto é, a integração, a tradução da mensagem, me parece necessário o acesso à representação-coisa. Quero dizer que a mensagem enigmática poderia estar vindo, durante a análise, de várias maneiras, mas a condição necessária para a finalização do trabalho de tradução é o acesso à representação-coisa da mensagem?

Laplanche - Eu levaria o trabalho de interpretação e de reconstrução mais sobre a mensagem do que sobre o objeto-fonte, que me parece opaco. Sua propriedade maior é ser opaco, isto é, ser fechado; e, se podemos reintegrá-lo em algum lugar, não é trabalhando sobre ele. Salvo que, evidentemente, mesmo na história do bico, há coisas que levam certamente a outras linhas associativas. Penso isso porque todo seio pode ser uma boca, uma goela de crocodilo, pode ser muitas coisas.

Percorso - Mas eu gostaria de saber se o Sr. pensa que o acesso à representação-coisa é fundamental para essa integração. Isto é, o acesso à representação-coisa, como nesse caso, é ou não essencial para esse movimento de retomada de reconstrução? É necessário ir até aí?

Laplanche - Eu penso que é essencial, e é necessário tentar ir mais longe. Porque senão chegaremos a uma espécie de adoração da representação.

Percorso - Eu gostaria de perguntar sobre a questão da castração. O Sr. escreveu um livro bastante importante para mim: "Hölderlin e a questão do pai", onde o Sr. trata da questão da castração, da transmutação da função anal, do narcisismo, da relação entre a criança e os outros...

Laplanche - Por um lado, meu livro sobre Hölderlin é o mais lacaniano da minha obra. Ele está muito próximo do lacanismo. Portanto, tenho em relação a ele uma certa distância, também com o primado da castração que nele figura, e com o primado da função do pai. Penso que a castração e a função paterna são evidentemente a melhor maneira, nas nossas civilizações ocidentais, de sincronizar, de colocar em ordem; mas no fim das contas, tento lhe conferir uma certa contingência. E

mesmo em Hölderlin, é interessante constatar que ele procura outras vias, dado que a função paterna está bloqueada. Creio que o que ainda é válido nesse trabalho é mostrar como há um tipo de equívoco, que, justamente, impede o acesso ao pai. Com efeito, o luto não é o luto do pai, mas o luto do sogro; há todo um equívoco psíquico que não permite o acesso ao pai. É também interessante ver como Hölderlin soube agradecer, pelo menos, durante um período de sua existência.

Eu sou, portanto, relativamente crítico em relação a este texto, e quando você fala de Freud - eu diria, fazendo um anacronismo - de certo modo, você está me falando do Freud lacaniano. Freud se presta a essa interpretação lacaniana. Eu falava, ainda há pouco, de uma leitura parcial, mas esta leitura lacaniana sobre a questão da castração não é totalmente falsa. Freud se presta verdadeiramente a esta idéia do caráter dominante da função paterna e da castração. E para mim, o horizonte da castração é que ela permite outros modos mais sutis do que o modo castrador. Resumindo este ponto: há simbolizações, no plural - em relação a uma castração no singular - que podem ser mais libertadoras do que a castração. E para argumentar sobre este ponto, eu me apoiaria nos trabalhos de Bettelheim e outros. A castração é libertadora também, porque em alemão existe esse termo *Angst*, que algumas vezes cai bem, mas noutras incomoda. A castração é uma angústia ou um medo? A meu ver é mais um medo do que uma angústia. Dizendo com outras palavras, penso que é uma maneira de dominar uma angústia transformando-a em medo. Isto é, e o que vou dizer agora já foi dito no movimento psicanalítico no momento das discussões sobre a feminilidade: a castração era uma fobia, introduzindo um momento fóbico.

Percorso - Gostaria de voltar um pouco sobre essa questão da situação analítica, a renovação deste enigma originário do qual o Sr. fala. O Sr., se eu bem compreendi, não faz uma diferença interna do que vem dos adultos. Concretamente, quando o Sr. fala de mensagem enigmática provida dos adultos ou do adulto, não há diferença entre pai e mãe.

Laplanche - Sim, é voluntariamente que eu o faço.

Percorso - Então, o Sr. não instala uma diferença desde o início, uma diferença de função ou de influência?

“As simbolizações podem ser mais libertadoras do que a castração, por serem plurais.”

Laplanche - Sim, é isso mesmo, e isso com a finalidade de tentar descrever uma sedução depurada que, do meu ponto de vista, está para além da função paterna ou materna.

Percorso - Mas será que assim o Sr. não se expõe à mesma crítica feita tantas vezes a Melanie Klein? Isto é, excluir de uma situação conflitual com tonalidade edípiana ou pré-edípiana - enfim, excluir do conflito psíquico o ter-

nário, e pensá-lo primeiramente entre dois - o adulto e a criança?

Laplanche - De forma alguma eu penso descrever um conflito adulto/criança. Penso que o conflito se situa no nível da mensagem, isto é, a mensagem é ela mesma dupla. Se quisermos, podemos dizer que os três seriam: a mensagem, seu enigma e a criança. Enfim, não quero estabelecer um novo triângulo, mas, o conflito, para mim, não é um conflito com o adulto. É um conflito com a *sexualidade do adulto*, isto é, com aquilo que na mensagem é intrusivo. Pois toda mensagem, mesmo se for dupla, tem este aspecto intrusivo, porque tem um lado sexual, mesmo que pequeno. Portanto, para mim o conflito de base é entre o eu se constituindo, e justamente as mensagens que são desestruturantes em relação a esse eu se constituindo. O conflito edipiano está numa relação com esse conflito de base. Isto é o sexual.

Percurso - Mas há uma diferença: para Freud esta pulsão sexual tem uma origem interna, e para o Sr. ela vem de fora.

Laplanche - Uma vez implantado o objeto, a mensagem rapidamente se inverte e passa a vir de dentro.

Percurso - O Sr. pensa que é possível deduzir os outros processos que conhecemos, como a introjeção, projeção, forclusão etc., desse processo primeiro de tradução e recalque?

Laplanche - Podemos aproximá-los, mas eles são todos processos "em pessoa". São todos processos ptolomaicos.

Percurso - São todos processos com função defensiva. Isto é, seguindo sua idéia, finalmente, quem e o que faz a defesa é o eu. Então, o Sr. não está longe de dizer que a projeção, a forclusão, enfim os processos defensivos, são processos egóicos.

Laplanche - Egóicos, sim, no sentido amplo do termo, pois podemos imaginar que alguns desses processos, sobretudo a forclusão ou algo parecido, se produzem num setor onde só existem rudimentos do eu, mas onde o eu não se constituiu. O que faz, justamente, talvez, o caráter intrusivo das mensagens para o psicótico: existem setores onde o eu não se constituiu ainda.

Percurso - O Sr. disse, outro dia, que o recalque e a tradução são resultados da inversão da passividade em atividade.

“O conflito não é com o adulto: é com a sexualidade do adulto.”

Laplanche - Sim, e isso foi bem descrito por Freud no famoso jogo do carretel (*Fort/Da*); uma das interpretações dadas por ele é justamente essa inversão de passividade em atividade. Mas mesmo no jogo do carretel podemos pensar em introduzir a idéia de mensagem, o que o faria reviver diferentemente. Mas ele já foi tão utilizado que eu nem vou me divertir se fizer o mesmo.

Percurso - Agora, gostaria que falássemos um pouco sobre

que diz respeito aos fundamentos da psicanálise. Fundando-a sobre o enigma e o encontro entre o adulto e a criança, etc., se bem compreendi, o Sr. rejeita os aspectos econômicos, dinâmicos e toda a referência às estruturas freudianas. Se é assim, o que sobra?

Laplanche - Não, eu não rejeito tudo. Sobre o econômico, propriamente dito, sejamos claros. O econômico é uma ficção, pois nunca vimos o Édipo nem pesamos a força pulsional. Então, sejamos sérios: mesmo os mais freudianos, no sentido estreito, e mesmo o próprio Freud só apelam ao econômico no último momento e para dizer: aí existe um fator econômico. E eu posso dizer o seguinte: isto não leva a muita coisa. Por outro lado, para mim, há uma outra significação do econômico, muito mais interessante: é o modo de funcionamento econômico. Quero dizer: economia primária e secundária - mais precisamente não-ligada e ligada. E aí, o econômico toma um sentido muito mais concreto do que medir o peso de uma força, da mensagem ou da tradução, porque podemos assim transpor o econômico: ele não é mais uma força da biologia, mas poderemos designá-lo como a força da mensagem. Falamos, há pouco, do aspecto quantitativo da mensagem; podemos imaginar, dentro dessa tipologia, uma avaliação quantitativa semelhante. Penso, portanto, que o problema do econômico para a psicanálise é geral, qualquer que seja o sistema de referência - é difícil deixar as palavras de lado.

Percurso - De fato, o que Freud diz no início do *Projeto* é que há idéias que são mais intensas que outras. E isto não é apenas metáfora. Para alguém que tem compulsões ou alguém que é fóbico, ou que tem pesadelos, é evidente que existem idéias, representações, que são mais intensas do que outras. Então talvez seja uma energia neu-

tra, como pensou Freud, que se desloca; e aí, de metáforas em metáforas, constrói-se toda uma rede. Mas há coisas na psique que são mais densas - estamos sempre no nível da metáfora - há momentos numa análise em que vemos bem isso...

Laplanche - Sim, e Freud também o diz freqüentemente, uma idéia é mais densa porque condensa diferentes linhas associativas. É, portanto, através do dinâmico que poderíamos nos dar conta deste aspecto econômico. Quero dizer, a idéia de condensação é essa mesma. Se uma imagem ou uma idéia, mesmo num sonho, aparece mais densa, ou se uma obsessão aparece mais sólida, podemos dizer que é provavelmente porque ela se sustenta por diferentes lados. Somos, portanto, rapidamente remetidos a algo mais manejável, a condensação - o fato de que estamos num ponto nodal de várias linhas. É mais fecundo tentar analisar a densidade nesses termos do que parar de uma vez por todas na idéia de densidade.

Percorso - O Sr. pode definir, em poucas palavras, qual é a diferença entre o econômico e o dinâmico?

Laplanche - Eu penso o dinâmico como um jogo de forças no conteúdo psíquico, e o vejo relativamente bem, em seus diferentes níveis. O econômico, sobre isso eu gostaria de fazer uma certa crítica, dizendo que aí haverá um aspecto relativamente pouco manejável, o puramente quantitativo, que é uma espécie de apelo, em último recurso, a alguma coisa que não nos faz nem bem nem mal. Consiste em dizer: bem, sim, aqui a força pulsional era maior... É também um tipo de desculpa em relação a algo que vai mal. E, por outro lado, um aspecto mais interessante do econômico, mas que não entra muito em Freud: a diferença de modos de funcionamento.

Percorso - E como isto se re-abre na experiência analítica, no processo analítico? O Sr. falou sobre isto mas de maneira bastante geral, nas 4 últimas páginas dos *Novos fundamentos*. A idéia geral é clara: temos um enquadre, a situação, seus componentes, e algo põe-se em marcha, de tal modo que, se o analista não atrapalhar muito, certos fenômenos vão se produzir.

Laplanche - Sim, mas não é somente quando ele não é muito bobo. Simplesmente, isso se dá quando há uma relação com o

“O que torna uma idéia mais densa do que outra é a condensação, nela, de várias linhas associativas.”

inconsciente que é, apesar de tudo, relativamente aberta. Isto é, se ele conservou aberta, e é difícil dizer como, a relação ao outro, se ele não está completamente fechado em si mesmo.

Percorso - Se tentarmos descrever as coisas do lado do psicanalista, podemos imaginar que, escutando seu paciente, ele é reenviado por associações complexas e particulares ao que o Sr. chama “seu próprio enigma”. E, de uma maneira ou de outra, isto

se engata sobre os enigmas fundamentadores do paciente, digamos assim. Há um processo de ligação, de engate, a partir da sua relação ao seu próprio enigma. Conrad Stein disse, de uma maneira um pouco abrupta, que ele continua a sua própria análise com as análises dos pacientes. Dito de outro modo, é a partir daí que as palavras e interpretação, de reconstrução poderiam surgir.

Laplanche - A propósito de Stein, este gênero de posição vai no sentido da análise dual de Ferenczi. Portanto, é algo, me parece, bastante perigoso. A questão não é, para o analista, a continuação enquanto tal da sua própria análise. É necessário que ele a prossiga, mas não que essa continuação se dê fazendo suas análises. E isso por uma razão bastante banal, à qual não prestamos atenção: é que um analista tem muitos analisandos, e o vemos como se ele tivesse apenas um. Ele tem uma série. Há, portanto, esta dissimetria que se reencontra na agenda do psicanalista, pois o analisando tem apenas a sua hora diária ou algumas na semana. É totalmente prosaico dizer isso. Portanto, a relação do analista com seus próprios enigmas não deve passar pela sua escuta. Ele não pode deixar de aprofundá-las.

Eu empreguei a palavra *respeito*, e penso que esta idéia de respeito implica num reconhecimento dos seus próprios enigmas e de seu caráter enigmático, e também, apesar de tudo, na possibilidade de manter uma certa distância em relação a eles, isto é, de não os fazer penetrar diretamente na situação analítica. Não quero entrar nesse assunto, pois, para mim, é também um enigma esta maneira de falar sobre a contra-transferência. Penso que a questão da contra-transferência é para ser retomada, porque ela foi não só vulgarizada de maneira espantosa, banalizada, mas tam-

bém que foi primeiramente dessexualizada, o que é extraordinário. Isto é obra, em geral, dos kleinianos, que são mestres em dessexualização. Então é necessário lembrar-se que, se há afetos no analista, estes afetos são sobretudo sexuais. Disto fala-se muito pouco; aliás, talvez com justeza, pois talvez não se possa falar a cada instante sobre isso. Se nós fôssemos tão longe nas relações contra-transferenciais como Freud ia nas suas relações de análise, as pessoas seriam talvez um

“Na transferência
'em oco',
coexistem o
aspecto
assegurador e o
aspecto enigmático.”

pouco mais prudentes para falar, um pouco menos bobas, e não diriam: “nesse momento comecei a odiar meu paciente, e depois, viajei para um fim de semana”. Quanta bobagem desse tipo se diz! Penso que a questão da contra-transferência deve ser tomada com respeito e com profundidade, e levando-se em conta, justamente, o sexual.

Percorso - O que exatamente, na situação analítica, favorece esta reabertura da relação originária?

Laplanche - Não é somente na situação analítica, é verdadeiramente no ser do analista, na sua vida, mesmo, que isto se encontra.

Percorso - Mas eu quero me referir a algo assim: eu sou um paciente, vou consultar Laplanche e me deito no seu divã. E num momento dado, se o Sr. tem razão, alguma coisa vai acontecer, que não se encontra no supermercado, no café, no MacDonalds em frente ao seu consultório, e que não depende exclusivamente do fato de que o Sr. seja Laplanche ou Goldberg. Aí há algo geral, que favorece esta flexibilização da relação originária. O Sr. diz que isto recoloca em marcha algo de fundador no ser humano. No que, dos diferentes fatores que compõem esta situação, este processo, veria o Sr. os elementos que favorecem esta reabertura?

Laplanche - Há, por um lado, o que eu chamo o côncavo ou o oco (*creux*), isto é, acolher os enigmas do paciente e dar-lhe um espaço de desenvolvimento, sem sobrepor-lhe o enigma do analista, mas mantendo, entretanto, a relação respeitosa do analista, poderíamos dizer assim. Isto me parece, em todo caso, o essencial daquilo que é provocador do que eu chamo a “transferência em oco”³. Isto é uma outra maneira de falar da neutralidade, mas, do meu ponto de vista, uma maneira muito mais profunda do que esta espécie de placa neutra que Freud imaginou.

Percorso - Isto não deixa de evocar coisas que são talvez mais familiares ao psicanalista de São Paulo, idéias como as de continência, de *holding*. O Sr. as coloca na sua terminologia, na sua própria concepção? Falar do oco do analista é dizer, finalmente, que há um espaço próprio, afetivo, aberto para acolher o que vai se passar.

Laplanche - Há duas coisas: uma é a manutenção, outra é o oco. Não é, para sermos mais

precisos, a mesma coisa, pois o oco deve guardar algo de enigmático. Mas há também, a manutenção do *setting* e a permanência de uma relação, que permite à compulsão não se espalhar, não se espatifar, não se perder, mesmo nos momentos mais difíceis de desorganização. Está aí, digamos, uma presença humana asseguradora. Portanto, no oco, há tanto o aspecto assegurador quanto o aspecto inseguro. É necessário tanto manter o aspecto assegurador como o aspecto negativo ou de enigma. Há um paradoxo, mas não há intrusão, no sentido em que não há intrusão afetiva. Há *abertura à dimensão da intrusão*; é a história do sujeito suposto saber, que é apesar de tudo uma bela expressão. Ao propor uma análise, o analista propõe um suposto saber, do seu lado, e um suposto saber que é evidentemente enigmático; mas evidentemente ele não deve chegar com um saber. Portanto, o paradoxo da situação analítica é renovar a situação parental, sem os conteúdos sexuais, sem os enigmas parentais, claro, dado que são os enigmas do paciente que devem ser reencontrados nela.

Percorso - Tenho uma questão em relação ao incesto. Estou fazendo uma pesquisa sobre abusos sexuais incestuosos, e encontro o que o Sr. mencionou: que há uma compulsão de repetição, isto é, a repetição de deixar novamente acontecer o fato incestuoso. Creio que há uma busca de uma situação de ternura por essas crianças que foram vítimas de abusos sexuais. E um outro paradoxo é que sempre, nessa situação, é necessário o que Ferenczi diz do analista - isto é, a crença de que o fato real ocorreu. E aqui o paradoxo: rigorosamente falando, não há diferença entre o traumatismo de qualquer sexualidade e da sexualidade incestuosa. Para o analista o interesse está na rea-

lidade psíquica - ele deve acreditar no efeito traumático - mas por outro lado, seu trabalho consiste, justamente, em sexualizar o traumatismo, pois todos os elementos do traumatismo são os da sexualidade.

Laplanche - Forçosamente, é preciso acreditar. *A priori*, devemos sobretudo ter confiança. Mas nós todos sabemos que é necessário um pouco de atenção entre o que nos diz um paciente e o real. O que tento fazer é deslocar as coisas, pois esse problema de acreditar ou de não acreditar é o nó da questão da grande discussão psicanalítica, Videmann, etc.. Quero dizer: realidade/não realidade. *A priori*, digamos que temos uma intencionalidade, quando algo nos é contado, de nos imaginar no lugar da infância deste paciente, etc. Do meu ponto de vista, o deslocamento da questão da realidade consiste em dizer: o fato é que não me interessa muito se ele sodomizou seu filho, mas de qualquer maneira, quer ele realmente o tenha feito ou não - o que se passava, do ponto de vista da mensagem, entre os dois? Pensando desse modo, faremos um deslocamento considerável em relação a esta questão realidade/não realidade.

Percorso - Então, no caso bastante comum em que efetivamente uma criança foi sodomizada por seu pai na idade de 5 ou 8 anos - o que seria, segundo o Sr., isto que acarreta uma diferença quanto à mensagem? Quer dizer, existiria um *a mais*?

Laplanche - Seria antes um *a menos*, infelizmente, da mensagem. O que é importante, nos abusos reais e grosseiros; é reencontrar o aspecto enigmático, porque se nada há de enigmático, então infelizmente - "isto" penetra poderíamos dizer - diretamente, sem poder ser traduzido, por definição. Seria isto o que impede a elaboração do trauma. Quero di-

zer, o que Ferenczi perdeu no nível do trauma, e o que é próprio do trauma freudiano, é que se trata de um trauma em dois tempos, isto é, com um segundo tempo.

Percorso - Mas há uma razão teórica para isso. Em Ferenczi, o trauma é uma intrusão violenta que desfaz, de maneira importante, o aparelho que o acolhe. Dito de outro modo, não pode haver um segundo tempo, dado que o aparelho psíquico que deveria introduzir este segundo tempo foi espatifado, fragmentado, etc. A violência do choque é tal que os

“O traumatismo, em vez de permitir a tradução, introduz a confusão.”

movimentos de defesa, presentes para isso, para dar um sentido, acabam por espatifar, ou explodir, ou danificar. O trauma danifica, segundo Ferenczi, o próprio aparelho psíquico.

Laplanche - Seria necessário retomar a idéia de confusão. O traumatismo, no sentido ferencziano, introduz a confusão, em vez de permitir a tradução. Não há dúvida de que existem mensagens que introduzem a confusão e que tornam a tradução impossí-

vel. Portanto, penso que este termo - confusão - deve ser tomado, não como paradigma geral, mas como um aspecto particular provavelmente, da tipologia à qual nos voltamos: numa tipologia das mensagens, aquelas que introduzem a confusão, e é lógico, aquelas que introduzem a possibilidade de tradução. Aqui se fez também alusão ao *double-bind* - há também uma lei que vai da confusão à dupla ligação.

NOTAS

1. Trata-se do Colóquio de Bonneval (outubro de 1959) cujo tema era *O inconsciente*, e no qual foi discutido o primeiro trabalho crítico de Laplanche e Leclaire em relação a Lacan. Este texto, "O inconsciente, um estudo psicanalítico", foi reproduzido no quarto volume das *Problemáticas* - "O inconsciente e o id", Nova Fronteira, 1993.
2. "Aqui o fantasma reencontra a base da realidade, porque foi realmente a mãe que necessariamente provocou e até talvez despertou (*Erwecken musste*) nos órgãos genitais as primeiras sensações de prazer, ao dispensar à criança os seus cuidados corporais". (Freud, *Notas conferências*... N° 33, 1932).
3. Ver o artigo do autor "Da transferência: sua provocação pelo analista" (1993), *Percorso* 10: 73-83.